

M

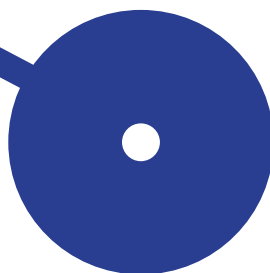
MESTRADO

Ensino de Educação Musical no Ensino Básico

A relação pedagógica e o seu impacto no processo de ensino e aprendizagem na Educação Musical

Ana Beatriz Soares Almeida

11/2024



Politécnico do Porto

Escola Superior de Educação

Ana Beatriz Soares Almeida

**A relação pedagógica e o seu impacto no processo de ensino e
aprendizagem na Educação Musical**

Relatório de Estágio e Projeto de Investigação

Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico

Orientação: Prof.^(a) Doutor(a) Helena Veiga

Porto, novembro de 2024

Politécnico do Porto

Escola Superior de Educação

Ana Beatriz Soares Almeida

**A relação pedagógica e o seu impacto no processo de ensino e
aprendizagem na Educação Musical**

Relatório de Estágio e Projeto de Investigação

Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico

Orientação: Prof.^(a) Doutor(a) Helena Veiga

Porto, novembro de 2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Helena Veiga pela orientação, disponibilidade e partilha ao longo de todo este percurso do projeto de investigação.

Agradeço também ao professor cooperante Carlos Graciano e ao professor Jonas Araújo pela cooperação e auxílio ao longo do estágio.

Agradeço às minhas colegas Ana Catarina Ferreira e Inês Lopes pelo apoio e companheirismo ao longo de todo este percurso académico.

Agradeço aos participantes do Grupo de Discussão Focal pela participação e colaboração no projeto de investigação.

E por último, agradeço a Deus e à minha família e amigos pelo apoio contínuo e incondicional em todo o meu percurso académico.

RESUMO ANALÍTICO

O presente relatório, foi elaborado no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada inserida no Mestrado em Ensino em Educação Musical no Ensino Básico. Este trabalho está dividido em três partes referentes á Prática de Ensino Supervisionada e ao Projeto de Investigação.

O primeiro capítulo do relatório reúne as observações realizadas em várias instituições do 2º Ciclo do Ensino Básico e a reflexão sobre as mesmas. Já o segundo capítulo, é relativo à minha experiência no centro de estágio da Prática de Ensino Supervisionada, onde também é feita uma breve contextualização da instituição e a apresentação do meu percurso ao longo de todo o ano letivo.

O terceiro e último capítulo diz respeito ao projeto de investigação sobre o tema “A relação pedagógica e o seu impacto no processo de ensino-aprendizagem na Educação Musical”, no qual é recolhida literatura científica sobre a relação pedagógica, o papel do professor e o papel do aluno nesta relação no contexto geral e especificamente na Educação Musical. Neste sentido, foi realizado um Grupo de Discussão Focalizado a partir no qual foram partilhadas e analisadas opiniões sobre o tema em questão. Por fim são apresentados os resultados e discussão sobre os mesmos.

Palavras-chave: Prática de Ensino Supervisionada; Relação; Processo de Ensino-aprendizagem; Educação Musical.

ABSTRACT

This report was prepared within the scope of the curricular unit of Supervised Teaching Practice inserted in the Master's Degree in Teaching in Music Education in Basic Education. This work is divided into three parts referring to the Supervised Teaching Practice and the Research Project.

The first chapter of the report brings together the observations made in various institutions of the 2nd Cycle of Basic Education and the reflection on them. The second chapter is related to my experience in the internship center of the Supervised Teaching Practice, where a brief contextualization of the institution and the presentation of my path throughout the academic year is also made.

The third and last chapter concerns the research project on the theme "The pedagogical relationship and its impact on the teaching-learning process in Music Education", in which scientific literature is collected on the pedagogical relationship, the role of the teacher and the role of the student in this relationship in the general context and specifically in Music Education. In this sense, a Focused Discussion Group was held from which opinions on the topic in question were shared and analyzed. Finally, the results and discussion about them are presented.

Keywords: Supervised Teaching Practice; Relation; Teaching-learning process; Musical Education

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Planificação Longo Prazo	18
Tabela 2 - Caracterização da amostra	37

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Sala "Museu"	13
Figura 2 - Planta da sala.....	16
Figura 3 - Composição Rítmica	23
Figura 4 - Composição com técnicas vocais inovadoras.....	23
Figura 5 - Composição com a técnica do pontilhismo tímbrico	25

SIGLAS

EBAG – Escola Básica Augusto Gil

EM – Educação Musical

GDF – Grupo de Discussão Focalizada

NEE – Necessidades Educativas Especiais

PES – Prática de Ensino Supervisionada

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
1. OBSERVAÇÕES DA PRÁTICA MUSICAL NO 2º CICLO DO ENSINO BÁSICO	3
1.1. ESCOLA BÁSICA AUGUSTO GIL	3
1.2. ESCOLA A	4
1.3. ESCOLA B.....	6
1.4. ESCOLA C.....	7
1.5. ESCOLA D	8
1.6. ESCOLA E.....	9
1.7. REFLEXÃO SOBRE AS OBSERVAÇÕES	10
2. PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADO	12
2.1. ESCOLA BÁSICA AUGUSTO GIL	12
2.2. CARACTERIZAÇÃO DA TURMA DA PES	14
2.3. REFLEXÃO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA	15
3. PROJETO DE INVESTIGAÇÃO.....	29
3.1. REVISÃO DE LITERATURA.....	29
3.1.1. A RELAÇÃO PEDAGÓGICA E A SUA IMPORTÂNCIA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM.....	30
3.1.2. A RELAÇÃO PEDAGÓGICA E A SUA IMPORTÂNCIA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO MUSICAL	31
3.1.3. O PAPEL DO PROFESSOR NA DINÂMICA RELACIONAL	32
3.1.4. O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO MUSICAL.....	34
3.1.5. O PAPEL DOS ESTUDANTES	35
3.2. MÉTODO	36
3.2.1. OBJETIVOS	36
3.2.2. METODOLOGIA.....	37
3.2.3. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA	37
3.2.4. INSTRUMENTOS.....	38
3.2.5. PROCEDIMENTOS	39
3.3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	39

3.4. DISCUSSÃO.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49
ÍNDICE DE ANEXOS DIGITAIS	52

INTRODUÇÃO

O presente relatório expõe o meu percurso e experiência na Prática de Ensino Supervisionado (PES), realizada no âmbito do Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto. Para além dessa experiência, este trabalho inclui o projeto de investigação que abordará a relação pedagógica e o seu impacto no processo de ensino-aprendizagem na Educação Musical.

O trabalho encontra-se dividido em três capítulos, sendo o primeiro capítulo referente à Prática de Ensino Supervisionada. Neste são apresentadas as observações realizadas às aulas de Educação Musical do 2º Ciclo do Ensino Básico nas diferentes escolas. Com base nestas observações foi realizada uma descrição e reflexão das diferentes práticas pedagógicas e recursos utilizados, como o principal objetivo de contactar com o contexto em questão e aprender tendo em vista a minha própria prática.

No segundo capítulo é exposto o meu percurso da Prática de Ensino Supervisionado. Neste capítulo é realizada uma contextualização do centro de estágio no qual fui colocada, bem como a caracterização da turma que lecionei e por fim uma reflexão sobre esta experiência, inclusive os desafios e soluções.

O último capítulo é referente ao projeto de investigação, que se divide em vários subcapítulos. Primeiramente é recolhida uma Revisão da Literatura que clarifica em que consiste a relação pedagógica, o seu impacto no processo de ensino-aprendizagem, em geral, e na Educação Musical, em particular, assim como o papel do professor enquanto ator educativo que detém a maior responsabilidade por este processo. Depois são apresentadas as metodologias de investigação, seguidas da apresentação dos resultados e discussão dos mesmos. Esta investigação partiu da minha curiosidade e inquietações decorrentes da Prática de Ensino Supervisionada. A presente investigação teve como objetivo compreender como é que a relação pedagógica afeta o processo de ensino e aprendizagem, em particular no âmbito da Educação Musical.

Por fim, na conclusão, são apresentadas algumas reflexões sobre a experiência da Prática de Ensino Supervisionada e o Projeto de Investigação. Nesta são destacados os maiores desafios e conquistas ao longo do meu percurso académico e o contributo destes para a minha prática como futura docente. Relativamente ao projeto de investigação, são realizadas as considerações finais sobre os resultados e relevância desta investigação, incluindo as limitações da investigação, bem como as recomendações para futuras pesquisas.

1. OBSERVAÇÕES DA PRÁTICA MUSICAL NO 2º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Este capítulo contempla as observações da Prática Musical no 2º ciclo do Ensino Básico, realizada em várias instituições, no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada. Nesse sentido são descritas algumas observações e reflexões sobre as diferentes práticas e contextos observados, assim como a importância destas para a formação de professores e inclusive a minha própria prática. Para além das observações a algumas escolas, foram realizadas observações das aulas das colegas de estágio ao longo do ano.

Segundo Reis (2011) a observação tem implicações positivas na qualidade de ensino e aprendizagem. (p. 11) Para além disso, o autor aponta também para os benefícios da observação através da recolha de ferramentas que esta permite. Em conformidade com o autor anteriormente mencionado, Silva (2013) também nomeia outras vantagens da realização da observação no âmbito da educação e principalmente na construção de futuros docentes: “(...) a observação de aulas enquadra-se num projeto global de Escola e contribui para o desenvolvimento pessoal e profissional dos docentes, para a melhoria do serviço educativo prestado e para o incremento do trabalho colaborativo, com vista ao sucesso educativo dos alunos. (p. 330).

1.1. ESCOLA BÁSICA AUGUSTO GIL

A Escola Básica Augusto Gil é uma escola pública que faz parte do agrupamento de Escolas de Aurélia de Sousa. A instituição possui duas salas específicas para as aulas de educação musical, e ainda uma outra sala, a sala “museu”, que têm um piano de cauda, instrumental orff e instrumentos de percussão. As duas outras salas de aula têm mesas e cadeiras, computador, projetor, colunas, piano e instrumentos de sala de aula (percussão).

A aula a que fui assistir foi com uma turma do 6ºano de escolaridade. O professor começou por fazer a chamada e a verificação do material e prosseguiu com o aquecimento corporal, vocal e na flauta. De seguida fizeram um ditado com recurso à plataforma digital “Flute Master”. Nesta atividade o professor recorreu a várias estratégias para chegar ao produto final. Primeiramente, os alunos cantaram as notas e fizeram as posições das mesmas na flauta e depois tocaram-nas nas flautas. Esta estratégia foi aplicada na aprendizagem das várias partes do ditado. Depois o professor começou por tocar no piano e cantar um ostinato e pediu que os alunos repetissem. Entretanto o professor colocou uma música no computador e todos acompanharam a canção com o ostinato. Após a audição do primeiro exemplo musical, o professor colocou outros vários exemplos musicais de diferentes géneros musicais e fizeram audições comentadas, com a finalidade de compararem diferentes andamentos. As audições realizadas estavam sempre associadas a uma audição ativa; o professor aplicou diferentes práticas ativas de audição, como acompanhar a cantar (ostinato), percussão corporal, identificação de andamentos, entre outros.

Para terminar a aula, os alunos interpretaram a canção “O amor é assim” dos HMB, na flauta e voz; uma proposta do livro adotado pela escola: “Play 6ºano”.

Relativamente à turma, na sua maioria estavam bastante recetivos e empenhados a todas as atividades propostas pelo professor. Apenas dois alunos estavam distraídos. No entanto alguns alunos não tinham flauta, mas nas atividades com recurso à flauta, utilizavam uma caneta ou lápis para praticarem as posições na flauta, o que é uma boa estratégia para que participem também na aula juntamente com os restantes alunos.

Na minha perspetiva, esta aula foi bastante interessante e diversificada. Gostei bastante dos recursos e estratégias utilizadas ao longo desta aula, assim como a dinâmica do professor.

1.2. ESCOLA A

A escola A é um colégio privado localizado no Porto, que dispõe de uma oferta educativa do Pré-Escolar ao Ensino Secundário. O colégio oferece várias atividades musicais, como aulas

individuais de instrumento, até às aulas de turma, incluindo as aulas de Educação Musical do 2º ciclo. A escola tem várias salas destinadas a aulas de música individuais com diferentes instrumentos disponíveis, um estúdio de gravação e uma sala ampla onde são lecionadas as aulas de Educação Musical.

A aula que fui assistir era de uma turma de 5º ano de escolaridade. A sala era ampla e nada semelhante a uma sala de aulas convencional. Esta tinha uma espécie de pequena bancada com dois níveis para os alunos se sentarem, um televisor, um teclado e instrumentos no chão, nomeadamente xilofones, metalofones e jogos de sinos.

Os alunos entraram com o material necessário para a disciplina, sentam-se e começam a passar o sumário que está projetado no televisor enquanto o professor verifica o material e dá alguns anúncios. De seguida fazem um aquecimento nas flautas. O professor diz o nome de algumas notas e eles tocam-nas nas flautas, depois o professor canta pequenas melodias com o nome das notas e eles também as executam nas flautas.

Depois interpretam a música “Okay Alright” da Aurea do livro “Play 5º ano” de cor nas flautas e cantam a melodia com o acompanhamento do instrumental áudio. Esta música já tinha sido aprendida na aula passada, por isso numa primeira fase fizeram apenas a revisão da melodia e letra da canção e depois repetiram a interpretação da mesma de pé com a postura correta. Entretanto, passaram para outra música, “Monstros”, que era acompanhada por clavas, triangulo e tamborim. Estes instrumentos foram tocados por três alunos, enquanto os restantes cantavam a música com o acompanhamento instrumental. De seguida interpretaram outra peça musical, na qual alguns alunos tocavam instrumental orff e os restantes alunos cantavam. Depois reviram a canção de embalar de Zeca Afonso, acompanhados pelo professor no teclado, enquanto os alunos cantavam e tocavam flauta. Por fim aprenderam uma música nova com uma letra trabalhada por eles. Estas canções fazem parte do repertório que a turma iria apresentar num concerto, assim como as outras canções trabalhadas no decorrer da aula.

1.3. ESCOLA B

A escola B é uma instituição de Ensino Particular que oferece formação desde o Pré-Escolar até ao Ensino Secundário. A sala de aula tinha cadeiras, sofás, projetor, computador, colunas e vários e variados instrumentos musicais como viola, bateria, instrumental orff, entre outros de cordas e percussão. A turma que fui assistir era do 6^o ano de escolaridade e tinha 26 alunos.

Assim que a aula começou, os alunos começaram a cantar a música “Jingle Bells”, uma versão adaptada com uma letra feita pelos alunos e acompanhamento de instrumental gravado. De seguida realizaram um aquecimento vocal. O professor tocava frases na guitarra e os alunos começaram por reproduzir as frases de boca fechada e depois com diferentes vogais, consoante as indicações do professor. Depois interpretaram a música “Aweemaweh” com o professor a acompanhar na flauta. Entretanto o professor começou a atribuir números de 1 a 5 de forma a formar grupos. O professor propôs uma atividade de criação de uma coreografia para partes da canção trabalhada. Depois de dar algumas indicações para a criação da coreografia em pequenos grupos, o professor deu tempo aos alunos para trabalharem de forma autónoma.

Ao longo da atividade pude observar a dinâmica dos alunos em grupo. Algumas crianças tomavam a liderança nos diferentes grupos, no entanto todas as crianças estavam empenhadas em contribuir com as suas ideias. Todas as crianças estavam a cantar.

Quando o tempo de trabalho autónomo terminou, os alunos voltaram aos seus lugares e em grupos apresentaram todos as suas coreografias ao professor e à turma. Durante as apresentações, a restante turma que assistia, cantava a música para o grupo coreografar a sua dança. No fim de cada apresentação, o professor avaliou os alunos e deu o seu feedback. Entretanto as criações eram discutidas em grande grupo e o professor deu também sugestões.

Para terminar a aula, os alunos interpretaram uma peça musical, com recurso à plataforma digital “Flute Master”.

1.4. ESCOLA C

A escola C é uma escola pública. A turma a que fui assistir era do 5^o ano de escolaridade e tinha 16 alunos. A sala de aula é ampla, tem apenas cadeiras, a maioria com uma mesa lateral, um televisor, quadro de giz pautado, teclado, computador, coluna de som. A escola, nomeadamente os professores de Educação Musical, não têm um livro adotado para a disciplina.

A aula começou com algumas indicações relativamente a exercícios para praticar na flauta. No contexto de preparação para uma apresentação de Natal após duas semanas sem terem aulas, a professora esclarece algumas dúvidas relacionadas às músicas de Natal que irão apresentar posteriormente e ensina algumas frases e exercícios para os alunos praticarem durante o período que não terão aulas. A professora utiliza a técnica de cantar todas as melodias antes de as tocar na flauta, enquanto os alunos fazem as posições na flauta e ela acompanha no teclado.

Depois os alunos interpretam a canção “Beijai o menino”. Os alunos começam a cantar a música mentalmente enquanto a professora acompanha no teclado de forma a relembrem a melodia da canção. De seguida, os alunos cantam em pé a música. Após a interpretação vocal da mesma, percutem corporalmente o acompanhamento proposto pela professora, que depois os distribui pelos instrumentos para juntos executarem a canção com vozes e instrumentos. A professora dirige os alunos nos instrumentos, auxiliando-os nas entradas e passagens da canção.

No final da aula, depois de arrumarem os instrumentos para saírem da sala de aula, uma aluna sugere cantarem a música “Amém, Christmas, amém”, e todos cantam a canção para terminar a aula, mesmo depois de já passar da hora.

Ao longo da aula pude observar que a turma estava interessada na aula e nas propostas que a professora ia sugerindo. Achei interessante a aluna pedir, já depois da aula terminar para cantarem uma música, o que demonstra o gosto pela disciplina e pelas atividades musicais

realizadas pela professora. A aula foi bem conseguida e organizada. Consegui observar algumas estratégias da professora semelhantes a outras observações, nomeadamente o cantar antes de tocar.

1.5. ESCOLA D

A escola D é também uma escola de ensino público com duas salas destinadas às aulas de Educação Musical. A escola tem uma oferta formativa de Educação Musical para o 2^o e 3^o ciclos. A sala do 2^o ciclo tem quaro de giz pautado, instrumental orff, bongós, percussão variada, teclado, projetor, quadro de marcador, tela de projeção, monitor virado para turma e a disposição das mesas é um “U”. A sala do 3^o ciclo tem instrumentos individuais, como guitarras e teclados, para além do mesmo equipamento da primeira sala.

Antes da aula começar a professora escreveu o sumário no quadro, e assim que os alunos entraram na sala de aula começaram por passá-lo para os cadernos. Em simultâneo, ouviam a canção de embalar do livro “Play 5^o ano” para lembrarem a melodia e letra da canção. Depois a professora conversou com a turma um pouco sobre a letra da canção e o seu sentido. Após a explicação os alunos cantaram a canção e a professora sugeriu algumas divisões para solistas e tutti. Mais tarde reviram a parte instrumental na flauta. Nesta atividade as estratégias dinamizadas pela professora foram colocar a flauta no queixo e fazer as posições das notas na flauta e cantar as notas, para só depois tocarem a melodia nas flautas. De seguida tocaram e cantaram com o acompanhamento instrumental gravado enquanto a professora ia corrigindo as posições e notas aos alunos.

Para terminar a aula, a professora começou por dizer algumas palavras em diferentes idiomas e pediu que os alunos repetissem. Estas palavras eram referentes ao Natal e introduziram uma canção que a professora apresentou aos alunos. A aprendizagem da letra e melodia foram iniciadas, mas a canção na sua totalidade só iria ser consolidada na aula seguinte.

Na minha opinião esta aula foi bastante interessante, apesar de já reconhecer algumas das estratégias da professora, gostei da sua abordagem com os alunos. A aula turma estava empenhada na aula e envolvida em todas as atividades. Gostaria de ter visto uma aula onde os instrumentos orff e restantes fossem utilizados, no entanto como o contexto de aula foi parte da preparação da apresentação de Natal, isso não foi possível.

1.6. ESCOLA E

A escola E é uma escola pública que faz parte do agrupamento de escolas de São Lourenço - Valongo.

Nesta instituição, fui assistir a uma aula de Educação Musical do 2º ciclo, do 5º ano de escolaridade. A sala de aula era espaçosa, tinha carteiras com cadeiras viradas para a secretária do professor, projetor, computador, colunas e ainda uma bateria no fundo da sala.

Quando a aula começou, eu e a professora já estávamos dentro da sala e os alunos começaram a entrar. A professora apresentou-me à turma e de seguida prosseguiu com a aula. Começou pela chamada e verificação do material depois projetou o sumário no quadro para os alunos copiarem para o caderno.

A aula era de revisões e por isso, depois de copiarem o sumário para o caderno, foi projetado também um slide com um resumo da matéria dada até então para que os alunos copiassem também para os seus cadernos antes que comesçassem a rever a matéria em conjunto. Depois dos alunos passarem os conteúdos projetados para o caderno, a professora foi lendo e relembando os conteúdos enquanto verificava se existiam dúvidas. Assim que reviram os conteúdos teóricos, a professora reviu as posições das notas na flauta. A professora fazia a posição das notas na sua flauta e os alunos iam identificando e reproduzindo com os dedos nos lápis.

De seguida a professora fez um exercício com os alunos, no qual estes tinham de identificar a estrutura da música escutada. A professora mencionou também que no teste iria ter um exercício do género para eles identificarem a estrutura de uma música. Os alunos foram indicando a estrutura ao longo da música e no fim discutiram-na em conjunto com a professora.

Logo após a identificação e discussão da estrutura, a professora fez um ditado rítmico e indicou também que no teste iria ser realizado um ditado rítmico. O ditado foi feito de compasso a compasso. A professora cantava o ritmo e marcava a pulsação na secretária com uma caneta. Depois de concluído o exercício, procederam à correção do mesmo em conjunto para finalizar a aula.

Como fui assistir a uma aula de revisões, não pude recolher tanta informação relativamente às técnicas e recursos de aprendizagem que a professora utiliza, no entanto foquei-me mais no comportamento e interação da professora com os alunos. Este era descontraído, mas também sério. Os alunos, de uma forma geral respondiam bem aos desafios colocados pela professora, no entanto tinha dois alunos que por vezes perturbavam a aula com piadas ou comentários desnecessários.

Relativamente à postura da professora, achei interessante a explicação dos conteúdos com recurso a exemplos do dia-a-dia e o diálogo entre a professora e a turma, nomeadamente o feedback e a preocupação em perguntar se os alunos estavam a acompanhar.

1.7. REFLEXÃO SOBRE AS OBSERVAÇÕES

Segundo Reis (2011) a observação promove o contacto com diferentes abordagens, metodologias e comportamentos e afirma que esta contribui para o desenvolvimento pessoal e profissional de qualquer professor, independentemente do seu nível de conhecimento e experiência. Apesar do autor escrever sobre a importância da observação no contexto de

avaliação e desempenho docente, as potencialidades destes são transversais para as observações realizadas no contexto de Prática e Ensino Supervisionada.

Através das observações de várias aulas de Educação Musical no 2º Ciclo do Ensino Básico nas diferentes escolas referidas anteriormente, foi possível conhecer diferentes contextos e perceber diferentes metodologias e abordagens variadas. Nestas observações foi possível ainda observar diferentes perfis de professor e recolher diferentes ferramentas que foram utilizadas nestas lecionações.

Na minha opinião esta foi sem dúvida uma ótima oportunidade de estar em contacto com o meio, principalmente devido à minha experiência pessoal. Como não tinha nenhuma experiência anterior na área, as observações realizadas foram muito importantes para mim, pois permitiram-me adquirir ferramentas para começar a minha prática.

Para além das observações realizadas em diferentes instituições, ao longo do ano foi solicitado que observássemos as aulas das nossas colegas de estágio. Essas observações foram também importantes pois proporcionaram um acompanhamento gradual de uma turma, podendo assim observar o comportamento da mesma em relação ao professor, à sua postura e aos recursos que vai utilizando em prol da turma. Este processo foi bastante significativo pela partilha de experiências e recursos com as colegas, quer através das observações, quer a partir das reflexões realizadas semanalmente nos seminários com o professor cooperante.

2. PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADO

Este capítulo está dividido em duas partes. A primeira parte é alusiva à caracterização do centro de estágio e da turma da qual fui responsável ao longo de todo o ano letivo, e na segunda parte é apresentada a minha experiência pessoal da Prática de Ensino Supervisionada, e os desafios que surgiram ao longo do ano letivo.

2.1. ESCOLA BÁSICA AUGUSTO GIL

A Escola Básica Augusto Gil (EBAG) é uma escola pública e pertence ao agrupamento de escolas de Aurélia de Sousa. A escola dispõe de duas salas para as aulas de Educação Musical, para além ainda de uma sala “museu” onde também são lecionadas, se necessário, as mesmas aulas.

A escola possui duas salas de Educação Musical que estão equipadas com computador com acesso a internet, projetor, quadro pautado, aparelhagem e colunas, um piano, nove guitarras clássicas e instrumentos Orff de altura indefinida como pandeiretas, clavas, adufes, tamborins, guizos e maracas. A sala “museu” tem um piano de cauda, instrumentos Orff de altura definida, nomeadamente metalofones, xilofones e jogos de sinos e instrumentos tradicionais de percussão. Esta sala é ampla e dispõe ainda de bastantes cadeiras para eventuais apresentações realizadas que costumam suceder ao longo do ano letivo.

Figura 1 - Sala "Museu"



Nesta instituição, a disciplina de Educação Musical é reconhecida e incluída nas atividades escolares. Ao longo do ano são desenvolvidos alguns projetos e concertos para as turmas, encarregados de educação e professores. Usualmente existem o concerto de Natal e o concerto de final de ano, que costumam decorrer na sala museu. Neste ano letivo realizou-se ainda um concerto de Canções de Intervenção, para celebrar os 50 ano da Revolução de 25 de Abril, que decorreu também na sala “museu”.

Para além destas atividades, existem também clubes de canto e percussão dirigidos pelo professor cooperante.

A disciplina de Educação Musical na Escola Básica Augusto Gil tem uma carga horária semanal de 100 minutos. A disciplina é lecionada por dois docentes e esta abrange tanto o 2º ciclo como o 3ºciclo. Para esta disciplina, a escola adotou o livro de Educação Musical de 2º ciclo,

“Play 6”, para o 6ºano de escolaridade, o qual me auxiliou na organização de conteúdos a lecionar.

2.2. CARACTERIZAÇÃO DA TURMA DA PES

A turma que me foi atribuída no âmbito da PES, foi uma turma de 6ºano de escolaridade, constituída por 26 alunos, dos quais 16 eram raparigas e 10 eram rapazes com idades compreendidas entre os 10 e 12 anos. Dos 26 alunos que constituem a turma, 3 deles não frequentam a aula de Educação Musical porque são alunos de articulado, no entanto uma desses alunos assistiu à maioria das aulas de Educação Musical.

A turma já tinha tido a experiência de trabalhar com um professor estagiário no ano letivo anterior e a maioria das atividades realizadas ao longo do ano letivo não foram novidade para a turma, com exceção das guitarras clássicas, que foram utilizadas pela primeira vez com a turma neste ano letivo para a interpretação de uma canção tradicional portuguesa.

A turma é bastante faladora e o comportamento de alguns alunos destabiliza os restantes colegas. Para além disso grande parte dos alunos da turma não traz o material devido para a sala de aula como o caderno e a flauta e mostram pouco interesse pela disciplina. Consequentemente a participação de alguns alunos é rara mesmo quando é solicitada a participação e realização das tarefas.

Relativamente às capacidades musicais, a turma é bastante afinada a nível vocal, já nos domínios instrumentais, quer na flauta, quer nos instrumentos orff de altura definida e indefinida é mais heterogénea. Alguns alunos destacam-se pelas suas capacidades musicais como a destreza instrumental, a memória e a afinação, mas principalmente pela motivação e empenho nas atividades.

2.3. REFLEXÃO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Após a realização das várias observações a diferentes instituições e contextos, inclusive as aulas do professor cooperante, fui desafiada a lecionar duas aulas de cooperação com o nosso professor cooperante. Nesta dinâmica, o professor selecionou o conteúdo a ser desenvolvido na aula e cada mestrande teve de realizar a planificação da aula, distribuindo as atividades propostas por ambos os cooperantes.

Na primeira aula de cooperação, propus-me a realizar quase todas as atividades para me desafiar, aproveitando que o professor cooperante estava presente, caso fosse necessário intervir para me auxiliar. Na segunda aula de cooperação, optei por distribuir as atividades pelos dois de forma mais equilibrada e semelhante para observar a dinâmica e estratégias do professor com a turma em questão antes de ficar totalmente responsável por esta.

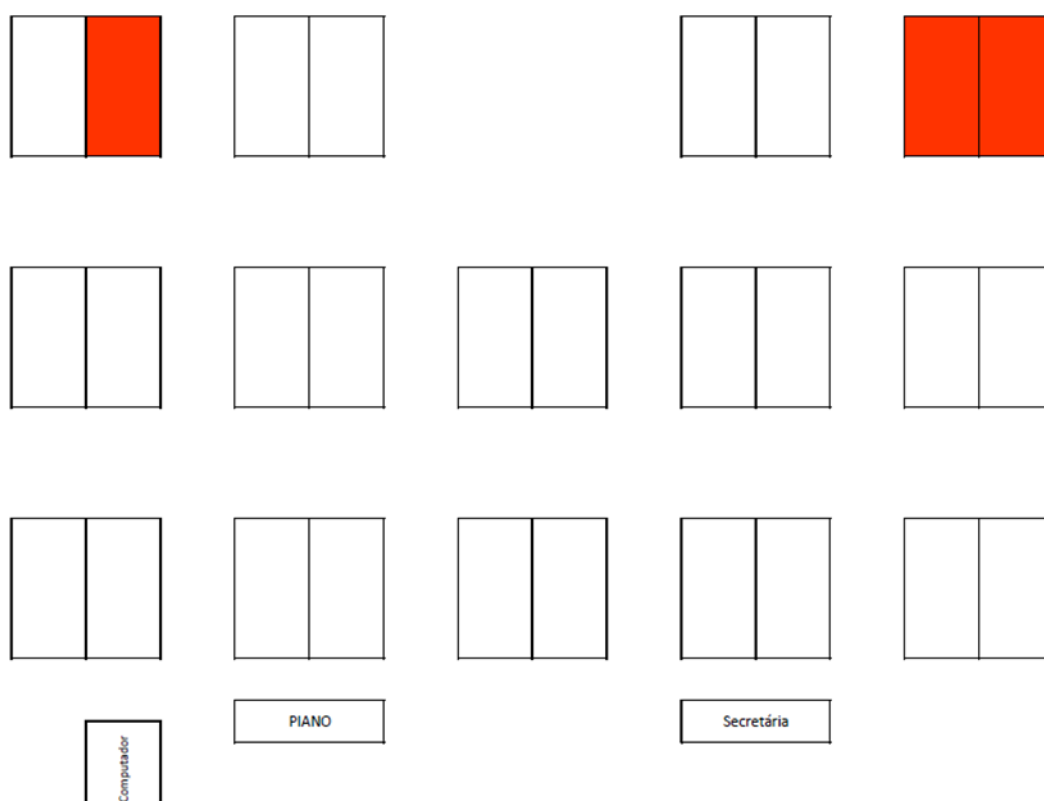
Depois do processo de cooperação, demos início às lecionações de cada mestrande com as suas respetivas turmas. Neste percurso, o professor cooperante apenas observou as nossas lecionações e apenas intervinha caso fosse estreitamente necessário nas aulas. Contudo ao longo de todo o percurso, foram partilhadas opiniões e sugestões na preparação das aulas e na escolha das atividades, com o objetivo de nos auxiliar da melhor forma possível. Nesse sentido eram realizados seminários semanais onde eram discutidos assuntos em conjunto relativos à nossa prática e reflexões sobre as aulas lecionadas.

Relativamente à minha prática, a minha atitude e postura em relação ao comportamento da turma foram o maior desafio que tive ao longo de todo o percurso, e foi sem dúvida o mais trabalhoso. A turma era numerosa e alguns alunos eram difíceis de lidar ao nível do comportamento e interesse pela disciplina. No que diz respeito ao comportamento, alguns alunos da turma perturbavam a aula e toda a turma era afetada. Já, no que toca ao interesse pela disciplina, poucos alunos traziam o material para a aula, principalmente o caderno e a flauta, mesmo quando lhes era avisado. Para além disso, havia ainda alguns alunos que não participavam nas atividades, incluindo cantar, fazer os exercícios propostos, mesmo quando

lhe era solicitado. A minha posição e intervenção em relação a essas atitudes não era a mais eficaz e, por esse motivo, tive algumas dificuldades em controlar a turma. No primeiro semestre, comprometi-me a melhorar neste aspeto, pois este afetava a dinâmica da aula. Desse modo, ao longo do segundo semestre, fui mais seletiva e rigorosa na minha postura, no que diz respeito às intervenções dos alunos. Essa mudança foi uma grande conquista para mim e pude observar que esta teve um impacto positivo na dinâmica das aulas.

De forma a resolver alguns constrangimentos relativamente ao comportamento, foram ainda realizadas ao longo do ano, algumas mudanças na planta da sala de modo a tentar solucionar alguns conflitos ao nível do comportamento e todas tiveram efeitos positivos diretos na dinâmica das aulas e na produtividade da turma.

Figura 2 - Planta da sala



No que diz respeito à comunicação e exposição dos conteúdos, este também foi um desafio e aspeto a melhorar. Creio que consegui desenvolver-me ao nível expositivo dos conteúdos e aos recursos e materiais utilizados para tal, de forma a ser mais prática e direta. Ao contrário

do início do período, onde era demasiado expositiva nos conteúdos, o que na maioria das vezes complicava a perceção dos mesmos, esforcei-me ao longo do ano para ser mais eficaz na explicação dos conteúdos através de exercícios e exemplos práticos dos mesmos.

Através da planificação das aulas e à prática das mesmas, foi possível também desenvolver-me na programação e adaptação às necessidades da turma que surgiam, e creio que foi um trabalho importante para a minha futura prática. As planificações das aulas eram realizadas pelas mestrandas num documento formal com a organização das atividades, exercícios propostos e materiais e referências dos mesmos. Depois este era enviado para o professor cooperante, para que este pudesse dar as suas sugestões e opinião. As planificações compreendiam-se desde a estimativa de tempo da duração das atividades até à organização das mesmas. Este trabalho realizado ao longo de todo o ano letivo foi desenvolvido ao longo do tempo de uma forma gradual, com o objetivo de colmatar algumas fragilidades e proporcionando assim uma aula funcional, tendo em consideração as necessidades e especificidades da turma.

A gestão da aula, apesar de ter sido dos primeiros desafios a ser superado e desenvolvido, foi também um processo de adaptação e aprendizagem ao longo de todo o percurso. A procura de materiais e a adaptação a novos recursos foi gradual, como por exemplo o caso do sumário (dito ou projetado), o qual fui experimentando e acrescentando um fundo musical para acompanhar o mesmo. Na minha opinião e seguindo os conselhos do professor cooperante e supervisor, essas mudanças potenciaram as aulas, ao nível de rendimento da aula e à ligação dos conteúdos. A música de fundo apresentada no sumário, normalmente estava relacionada de alguma forma com o que iria ser trabalhado de seguida. Da mesma forma os aquecimentos vocal, instrumental ou corporal que eram realizados, normalmente na primeira parte da aula, incluíam sempre algum material musical relacionado com o conteúdo exposto na aula ou com alguma atividade que fosse realizada na mesma.

As adaptações realizadas ao longo do ano culminaram em planificações semelhantes ao que descreverei de seguida.

A gestão das aulas, normalmente seguiam o seguinte padrão:

1. A aula começava pela realização da chamada, enquanto os alunos escreviam o sumário que se encontrava projetado no quadro, através de um *PowerPoint*. Este era acompanhado por um fundo musical relacionado com a aula e o que iria ser trabalhado na mesma.
2. De seguida realizávamos o aquecimento, este também incluía elementos que fossem trabalhados na aula.
3. Depois era feita uma breve contextualização do tema e conteúdos que seriam abordados de uma forma teórica e prática introduzindo assim os elementos novos e/ou praticando algo que já fosse do conhecimento dos alunos, no entanto que pudesse ser necessário no produto musical proposto para a aula. Esta incluía por vezes exemplos auditivo e/ou visuais.
4. Por fim era aprendido e interpretado algum produto musical, quer uma melodia vocal ou instrumental. Este era normalmente apresentado primeiramente por mim, acompanhando-me ao piano, e depois era trabalhado com a turma através da imitação de pequenas frases.

A planificação a médio/longo prazo foi uma tarefa desenvolvida ao longo de todo o percurso com o objetivo de auxiliar lecionações. No início do processo, estava confuso sobre a organização do mesmo e estava apenas a seguir à organização dos conteúdos do manual adotado pela escola. Depois comecei a ser mais intencional, e organizar os conteúdos e aulas de uma forma mais funcional para mim e para a turma com vista aos objetivos a atingir.

Tabela 1 - Planificação Longo Prazo

Data	Semana	Aula	Atividade/Matéria	Atividade Escola
4/10/2023	1º	Observação		
11/10/2023	2º	Observação		
18/10/2023	3º	Cooperação	Dinâmicas	

25/10/2023	4º	Cooperação	Semicolcheia	
08/11/2023	5º	Lecionação 1	Intervalos	
15/11/2023	6º	Lecionação 2 (Supervisão 1)	Galope Introdução da música “Vem que está a chegar o Natal”	
22/11/2023	7º	Lecionação 3	Natal Branco	
29/11/2023	8º	Lecionação 4		
06/12/2023	9º	Lecionação 5	“Joy to the World”	
13/12/2023	10º	Lecionação 6		Ensaio Geral (Concerto Natal – 15/12/2023)
03/01/2024	11º	Lecionação 7	Si bemol	
10/01/2024	12º	Lecionação 8	Ritmos pontuados	
17/01/2024	13º	Lecionação 9	Forma rondó: Composição na forma rondó	
24/01/2024	14º	Lecionação 10	Fá sustenido	Músicas tradicional portuguesa: “Alecrim”
31/01/2024	15º	Lecionação 11	Acordes acompanhamento com guitarra clássica	Músicas tradicional portuguesa: “Alecrim”
07/02/2024	16º	Lecionação 12 (SUPERVISÃO)	Síncopa	
14/02/2024	-	FERIADO		
21/02/2024	17º	Lecionação 13	Europa	Músicas do mundo
28/02/2024	18º	Lecionação 14	África: Compasso simples e composto	Músicas do mundo

06/03/2024	19º	Lecionação 15	Ásia: Modo menor	Músicas do mundo
13/03/2024	20º	Lecionação 16	Ásia: monorritmia e polirritmia	Músicas do mundo
20/03/2024	21º	Lecionação 17	Améria: Dó # música do livro	Músicas do mundo
27/03/2024	-	FÉRIAS		
03/04/2024	-	FÉRIAS		
10/04/2024	22º	Lecionação 18	Cânon	"Liberdade"
17/04/2024	23º	Lecionação 19		
24/04/2024	24º	Lecionação 20 25 ABRIL	Preparação do 25 de abril	Apresentação do 25 de abril (26/04/2024)
01/05/2024	-	FERIADO		
08/05/2024	25º	Lecionação 21	Jazz: Tercina	Jazz
15/05/2024	26º	Lecionação 22	Música do século XX - Compositor contemporâneo Composição com partituras não convencionais e objetos	Tercina – acabar "Autumn Leaves"
22/05/2024	27º	Lecionação 23	Compositor Erudito Português	Rever Alecrim Solo "Autumn Leaves"
29/05/2024	28º	Lecionação 24 (SUPERVISÃO)	Preparação das peças finais	Andorinhas; Alecrim (guitarra, voz e flauta); Zum Gali Gali (percussão); Liberdade (voz); Autumn Leaves (conjunto 6ºA)
05/06/2024	29º	Lecionação 25	Preparação das peças finais	
12/06/2024	30º	Lecionação 26 FINAL	Ensaio Geral	Concerto Final

A criação de materiais para trabalhar com os alunos como arranjos, letras e aquecimentos, foi uma atividade constante ao longo do ano letivo, desde aquecimentos vocais, a arranjos e letras de canções para trabalhar com a turma. Estes, por sua vez, eram na sua maioria, acompanhados por mim ao piano e trabalhados através da imitação com os alunos.

No que diz respeito à criação de materiais, foram realizadas adaptações de letras de duas canções em cooperação com duas das minhas colegas de estágio. Uma das letras foi adaptada no âmbito do concerto de Natal, pois os alunos tinham alguma restrição a cantar em inglês, por isso traduzimos e adaptamos a letra da canção “White Christmas” (Natal Branco) de Irving Berlin, para que os alunos pudessem cantá-la no concerto de Natal. A canção “Autumn Leaves” de Joseph Kosma foi outra das canções para a qual criamos um letra alusiva às férias, apresentada posteriormente no concerto de final de ano em parceria com alunos de outra turma.

As atividades realizadas ao longo do ano letivo tiveram como base um conjunto de documentos orientadores que englobavam as áreas de competência do perfil dos alunos e as aprendizagens essenciais (Ministério da Educação, 2018). Nesse sentido, a utilização do manual com recurso aos conteúdos a lecionar auxiliou-me bastante, no entanto, de uma forma geral, as atividades eram pensadas e criadas por mim de acordo com os conteúdos a abordar, pois foi isso que nos foi exigido para este contexto, tendo em vista explorar e desenvolver os três domínios apresentados nos documentos mencionados: Experimentação e Criação, Interpretação e Comunicação e Apropriação e Reflexão.

Os domínios de Interpretação e Comunicação e Apropriação e Reflexão eram desenvolvidos em todas as aulas no geral, através da contextualização e literacia musical, audição de músicas (excertos) e da interpretação de melodias instrumentais e vocais. Nesse contexto, a aprendizagem era realizada através da imitação, que é descrita como fundamental na aprendizagem da música (Wuytack & Boal-Palheiros, 2013), tanto quando trabalhadas melodias vocais quanto melodias instrumentais, que eram primeiramente ensinadas de forma

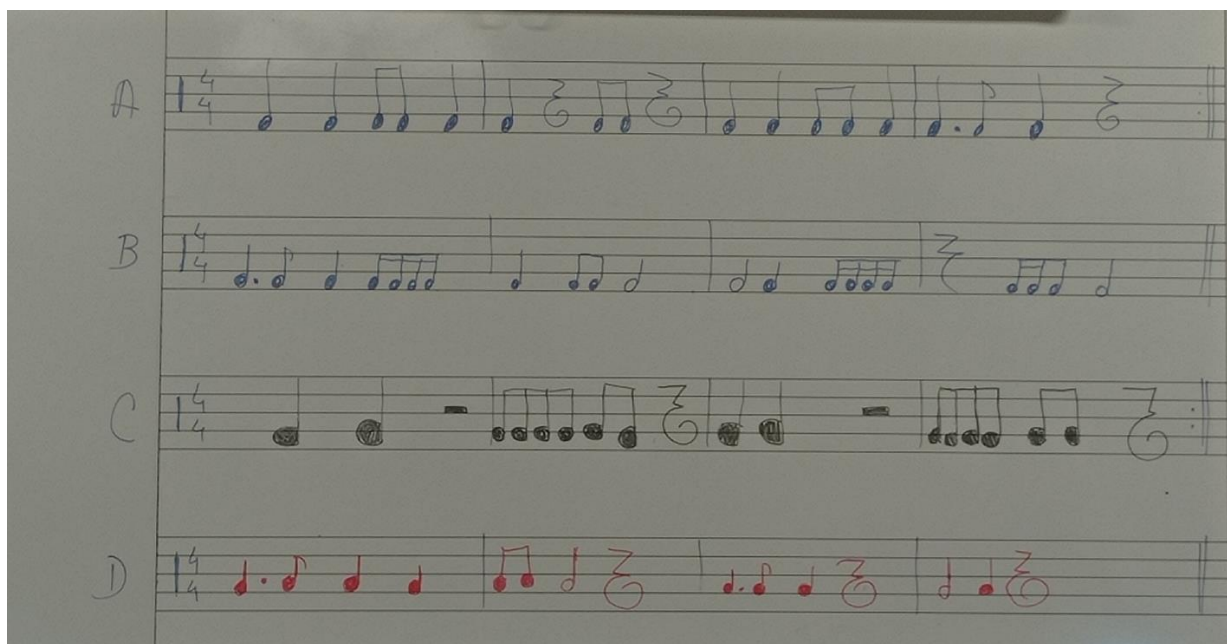
cantada e/ou recitadas com o nome das notas, para depois serem executadas nos respectivos instrumentos.

Visto que, a escola onde realizei a minha Prática de Ensino Supervisionada dispunha de bastantes recursos, quer uma sala ampla para a prática musical, quer instrumentos musicais variados e em grande quantidade foi possível experimentar diferentes atividades e arranjos musicais com a turma, para além de atividades vocais e instrumentais na flauta. Esta diversidade de recursos proporcionou uma experiência rica e variada aos alunos. Nomeadamente aquecimentos com instrumentos de percussão, arranjos para instrumental orff e uma canção com guitarras clássicas. Relativamente à canção trabalhada com as guitarras, apesar de todos os alunos terem tido oportunidade de experimentar o instrumento, apenas alguns alunos, selecionados por mim, tocaram o instrumento acompanhando os restantes alunos da turma na apresentação realizada no final do ano letivo.

Por vezes eram também realizadas gravações áudio do produto final da aprendizagem de uma canção para a discussão e análise conjunta com a turma, potenciando assim o pensamento crítico dos alunos relativamente ao seu desempenho. Estas eram escutadas com a turma e discutidas, com o objetivo de melhorar a performance dos alunos e a qualidade musical do que fora trabalhado.

Foram ainda realizadas com a turma, atividades no domínio da Experimentação e Criação, nomeadamente atividades de composição:

Figura 3 - Composição Rítmica



A atividade de composição rítmica (Figura 3) partiu de uma improvisação rítmica com a turma, preparada anteriormente por pequenas padrões rítmicos variados com percussão corporal realizados através da imitação, até à sua exploração pelos alunos. De seguida foi apresentada a primeira frase criada por mim como se fosse um refrão da peça. Depois a turma foi distribuída em diferentes grupos e foram desafiados a criar uma frase rítmica e a escrevê-la

para ser executada pelos restantes grupos. Através desta atividade foram explorados a forma Rondó, assim como a improvisação (rítmica) e a composição.

Figura 4 - Composição com técnicas vocais inovadoras

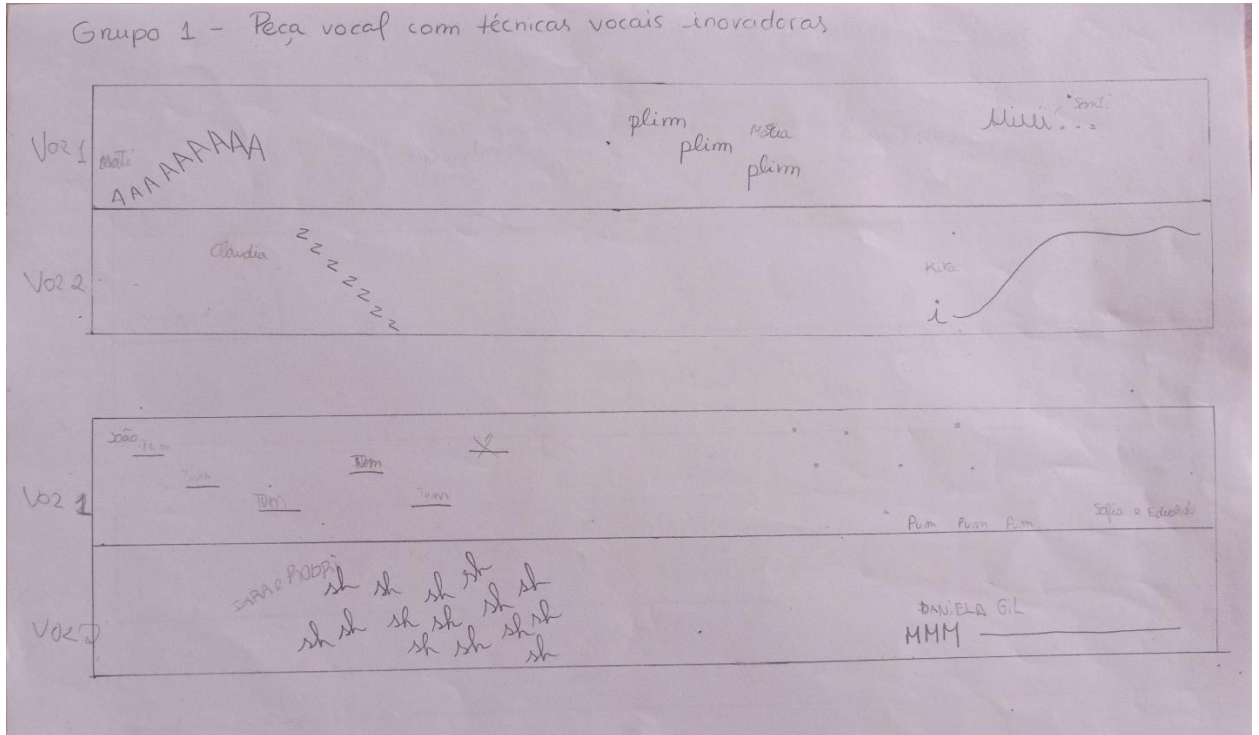
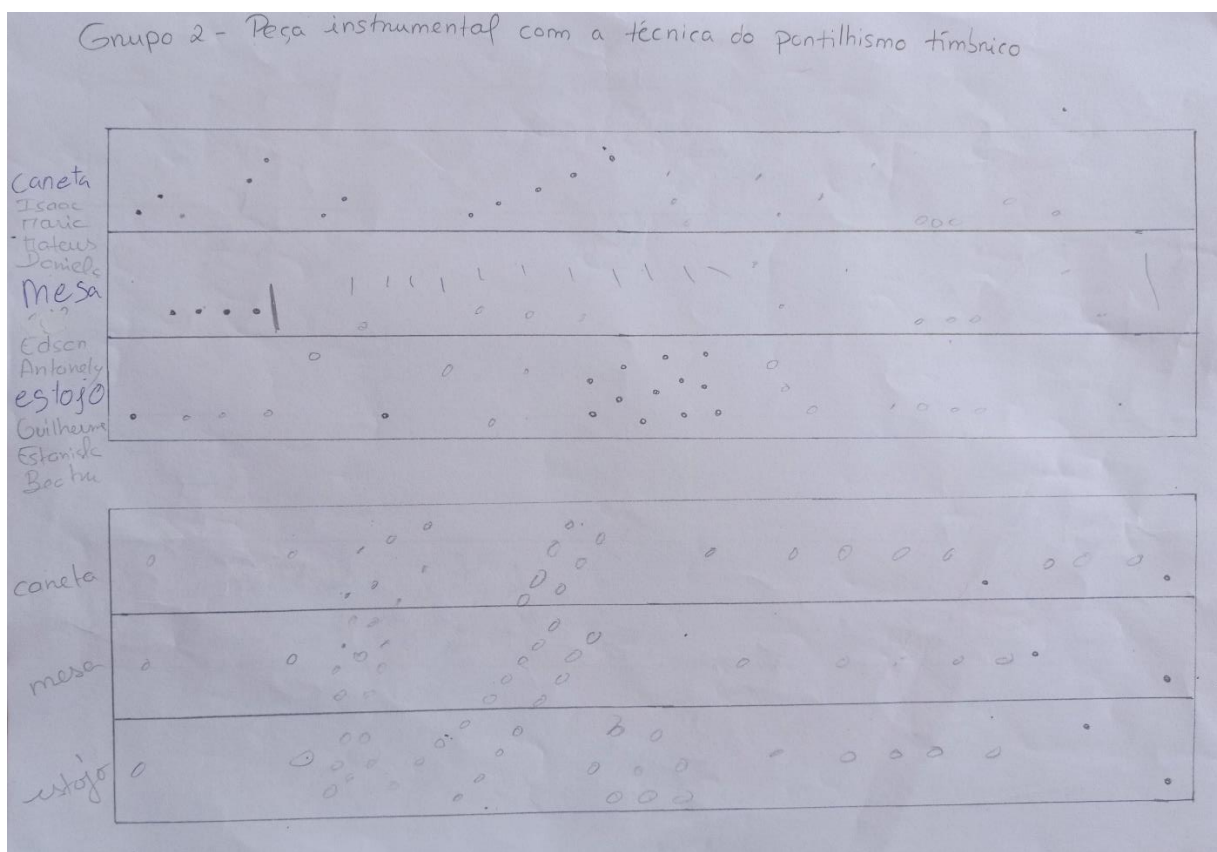


Figura 5 - Composição com a técnica do pontilhismo tímbrico



Nesta atividade, a turma foi dividida em dois grupos e foi proposto aos alunos, que criassem uma partitura gráfica que representasse os sons que experimentaram através da voz e de objetos do cotidiano. Depois de realizada a partitura, cada grupo apresentou à restante turma, e a mesma estava projetada no quadro para que os alunos pudessem observar e identificar os elementos da partitura aos sons.

No que diz respeito à avaliação dos alunos, esta foi realizada de uma forma contínua, tanto nas aulas, através do envolvimento e participação dos alunos nas atividades propostas em sala de aula, como através das apresentações realizadas ao longo do ano à comunidade escolar.

A turma teve a oportunidade de se apresentar em três diferentes ocasiões ao público (família e colegas da escola). O primeiro concerto realizou-se no âmbito da comemoração do Natal e foi uma apresentação fora do horário letivo com o público-alvo, a famílias dos alunos. Esta apresentação decorreu na “sala-museu” e foram apresentadas 4 músicas. Duas das canções foram interpretadas pela turma e as outras duas, foram realizadas em colaboração com a

turma de outra colega estagiária. De uma forma geral, o concerto correu bem e os alunos conseguiram apresentar as canções trabalhadas com uma boa qualidade. Na minha perceção os alunos tiveram um bom desempenho, contudo por vezes distraiam-se com a presença dos pais perdendo o foco. Para esta apresentação, preparei um arranjo para instrumental orff para uma das canções. Como foi no início do ano letivo e ainda não conhecia bem as capacidades musicais da turma, acabou por ser um arranjo um pouco exigente, contudo, após algumas alterações foi possível interpretá-lo com musicalidade por alguns alunos da turma, que acompanhavam os restantes a cantar a canção. Nesse sentido, saliento a dedicação dos alunos no trabalho que foi apresentado.

A segunda apresentação realizou-se em horário letivo, no qual o público foram outras turmas da escola e este sucedeu-se em celebração dos 50 anos da Revolução do 25 de abril. Nesse sentido foram apresentadas duas canções alusivas ao tema. Apesar de destacar pontos positivos na performance da turma neste concerto, os alunos estavam mais distraídos e envergonhados neste concerto pelo público serem colegas de outras turmas. Por isso o desempenho da turma ficou bastante à quem do esperado, pois o trabalho preparado tinha grande qualidade musical e foi comprometida pela distração e constrangimento dos alunos. No entanto destaco um aspeto positivo que foi a realização de um cânon a duas vozes numa das canções, assim como a afinação da turma.

A última apresentação realizou-se no final do ano letivo, onde o objetivo principal era apresentar aos familiares e comunidade educativa um pouco do trabalho realizado com a turma ao longo do ano letivo e concluir este percurso com os alunos. Apesar de não terem participado todos os alunos da turma neste concerto final, os alunos que participaram tiveram um bom desempenho. Foram apresentadas algumas canções abordadas ao longo do ano letivo com a turma de vários contextos. Nesse sentido, o repertório apresentado foi diversificado e interpretado com diferentes instrumentos para além das vozes, como o instrumental orff, flauta, percussão variada e guitarras clássicas. Os alunos estavam focados e esforçaram-se para apresentar um pouco do trabalho que foi realizado durante o ano letivo com qualidade musical.

Por fim, destaco ainda a relevância das observações realizadas ao longo do ano letivo, às minhas colegas de estágio, que também foram bastante produtivas e permitiram-me de alguma forma recolher e avaliar estratégias interessantes para a prática pedagógica e para futuras abordagens a este nível. Esta prática de observação contínua e de partilha com as colegas é algo que considero levar para a minha futura prática docente.

Toda esta experiência foi nova para mim, e, revelou-se muito gratificante e enriquecedora. Foram bastantes os desafios ao longo do ano, novas aprendizagens e muitas ferramentas adquiridas ao longo de todo o processo. Acredito que cresci bastante ao longo do ano, pois fui constantemente desafiada e confrontada com fragilidades a nível musical e profissional que procurei sempre resolver e enfrentar de forma a evoluir enquanto docente. Assim sendo, descrevo a minha experiência na escola Augusto Gil como bastante positiva. Destaco algumas atividades que me marcaram como a interpretação da canção “Alecrim”, na qual alguns dos alunos tocaram guitarra clássica, pois foi um desafio para mim enquanto professora e instrumentista. Neste contexto foi possível sair da zona de conforto, visto que me sito mais à vontade no teclado, para além do desafio de colocar os alunos a tocar em conjunto outro instrumento que não a flauta. No entanto foi uma experiência bastante gratificante para mim e creio que também para os alunos, pois mostraram-se bastante entusiasmados e empenhados. E, ainda a direção da canção “Vem que está a chegar o Natal” que trabalhei com a turma, a qual fiz um arranjo para instrumental orff. Esta foi uma canção realizada no início do ano e tanto pela minha pouca prática e à vontade como pelo pouco conhecimento musical da turma, foi uma tarefa exigente. Apesar de o professor cooperante me ter auxiliado, foi uma experiência marcante e desafiadora, contudo através das sugestões do professor foi possível executar o arranjo.

Em síntese, avalio este meu percurso de Prática de Ensino Supervisionado de uma forma básica positiva, tendo em conta os desafios que me foram propostos e a minha evolução perante estes. O professor cooperante, o professor supervisor, as minhas colegas de estágio, a minha própria escola e aos recursos disponibilizados, potenciaram sem dúvida a minha prática e auxiliaram-me no meu percurso de uma forma muito positiva. Esta experiência foi crucial e completa e deu-me bastantes ferramentas para a minha prática futura. Após esta

experiência, sinto-me bastante mais motivada e capacitada para colocar em prática o que fui adquirindo ao longo do meu percurso e pretendo continuar a desenvolver os meus conhecimentos e estratégias. Para além disso estou muito feliz e realizada com o meu percurso e evolução.

3. PROJETO DE INVESTIGAÇÃO

No âmbito do projeto de investigação inserido no trabalho final do Mestrado em Educação Musical (EM), foi realizada uma investigação intitulada “A relação pedagógica e o seu impacto no processo de ensino-aprendizagem na Educação Musical”. Pretendeu-se investigar a relação pedagógica e o seu impacto no processo de ensino-aprendizagem na Educação Musical.

O objeto de estudo deste projeto partiu das inquietações decorrentes da experiência de Prática de Ensino Supervisionada (PES), das questões e desafios que me foram sendo colocados ao longo do ano letivo, assim como a curiosidade sobre o tema e da sua importância para a minha futura prática docente.

Antes de iniciar o enquadramento teórico propriamente dito, há que clarificar o conceito de relação pedagógica/educativa.

3.1. REVISÃO DE LITERATURA

Segundo Postic (2007), por relação educativa entenda-se “o conjunto de relações sociais que se estabelecem entre o educador e aqueles que educa para atingir objetivos educativos, numa dada estrutura institucional, relações essas que têm características cognitivas e afetivas identificáveis (...)” (p. 27).

Assim sendo, relação educativa e processo de ensino e aprendizagem estão intimamente ligados.

Também Franco e Albuquerque (2010) interrelacionam processo de ensino-aprendizagem e relação pedagógica, quando referem que “O saber aprende-se com a educação que é a relação humana. A educação é também pedagogia, que é a filosofia do ensinar. Mas didática não é educação; é instrumento da relação pedagógica” (p. 194).

Na relação pedagógica, é a afetividade que permite e potencia a edificação do conhecimento. “A afetividade é analisada no âmbito pedagógico, especificamente na relação educativa que se estabelece entre o professor e seus alunos na sala de aula” (Ribeiro, 2010, p. 2010)

3.1.1. A RELAÇÃO PEDAGÓGICA E A SUA IMPORTÂNCIA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Apesar de vários estudos assegurarem que a relação de afetividade é fundamental no processo de ensino-aprendizagem (e.g., Medeiros, 2017; Ribeiro, 2010), avaliar as potencialidades da relação de afetividade afigura-se difícil. Autores vários (e.g., Medeiros, 2017; Jorgensen, 2020) defendem que nesta relação, ambos os intervenientes interagem continuamente numa partilha dinâmica de experiências, dificuldades, conquistas e aquisição de conhecimentos.

Capul e Lemay (2003), Medeiros (2017), Rogers (1985), entre outros, identificam algumas condições para a edificação de uma relação positiva e uma aprendizagem significativa. Entre os aspetos destacados refira-se a escuta ativa, a aceitação, a compreensão, o respeito, a empatia, a congruência, o duplo olhar (o olhar sobre o outro e sobre si mesmo). Num estudo realizado por Barbosa et. al., (2011) foi também destacado na relação professor-aluno, o sexo dos alunos e a condição de aprendizagem dos alunos, nomeadamente alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE). Para além de características de índole mais interna e relacional, há que considerar ainda uma multiplicidade de influências – internas e externas – que obrigam a um olhar sistémico sobre a situação educativa. Neste sentido, Franco e Albuquerque (2010) alertam para a necessidade de se analisarem e compreenderem as condições efetivas do processo de ensino-aprendizagem e das posições ocupadas pelo professor e pelos alunos.

Os modelos educativos que colocam o aluno no centro (e.g., Aprendizagem Centrada no Aluno, de Carl Rogers) parecem facilitar o processo de ensino-aprendizagem. Nestes, o

professor é apenas um facilitador da aprendizagem (Brait et. al., 2010, p. 9), ao contrário dos modelos tradicionais em que o professor é colocado no centro do processo de ensino-aprendizagem. Por isso, proporcionam uma aprendizagem significativa, permitindo assim o desenvolvimento intelectual e cognitivo do aluno, potenciando o seu crescimento integral enquanto pessoa, e permitindo a interiorização do processo de aprendizagem. (Capelo, 2000).

3.1.2. A RELAÇÃO PEDAGÓGICA E A SUA IMPORTÂNCIA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO MUSICAL

Alguns estudos, de âmbito nacional (e.g., Cosme, 2012; Boal-Palheiros & Boia, 2020) e internacional (e.g., Stavrou, 2022) têm evidenciado a importância da relação pedagógica no processo de ensino-aprendizagem na Educação Musical.

No estudo de Cosme (2012), professores e alunos de instrumento de conservatórios de Portugal responderam a um inquérito relativo à relação professor-aluno. A investigação concluiu que a relação pessoal estabelecida entre um professor e o seu aluno no contexto da aula individual de instrumento é de extrema importância para o desenvolvimento deste último, seja como músico, seja como pessoa. Estes resultados vão ao encontro dos presentes na literatura científica (Medeiros, 2017; Ribeiro, 2010) sobre a relação pedagógica e o seu impacto no processo de ensino e aprendizagem, tanto no âmbito da Educação em geral, como no âmbito da Educação Musical em específico.

Não obstante, existem diferenças entre aulas individuais e aulas de grupo. Neste sentido a relação tem de ser gerida de uma forma diferente consoante as particularidades do modelo educacional adotado. Enquanto no contexto de conservatório são lecionadas, na maioria das situações, aulas individuais, no âmbito da Educação Musical, as aulas são lecionadas em grande grupo. Neste caso, o processo de ensino-aprendizagem e a gestão da dinâmica

relacional podem tornar-se mais exigentes e desafiadores, pela multiplicidade e diversidade de atores sociais envolvidos.

No âmbito da Educação Musical, a música por si só, atua como potenciadora da relação:

“O desafio que se coloca ao professor de música é o de colocar a música ao serviço de propósitos positivos, que enriqueçam a cultura, que alimentem o desenvolvimento individual, que contribuam para sociedades decentes e que promovam a vida e a felicidade” (Jorgensen, 2020, p. 27).

Enquadrada a pertinência da relação professor-aluno no processo de ensino e aprendizagem, é importante dar-se foco ao papel de cada um dos intervenientes neste processo.

3.1.3. O PAPEL DO PROFESSOR NA DINÂMICA RELACIONAL

Apesar de cada um dos intervenientes da relação ser importante, Medeiros (2017) destaca o papel do professor como imprescindível nesta dinâmica, pois é ele quem ensina os alunos e influencia as suas vidas. Não que este esteja acima do aluno, mas sendo o principal detentor do conhecimento e solucionador de problemas, tem um papel essencial no processo educacional e dele deve partir a iniciativa (Santos, 2001). Assim como Capul e Lemay (2003) descrevem o professor como um responsável na mediação com o aluno e com o meio (p. 112), Medeiros (2017) também salienta a responsabilidade deste para a mediação de conhecimentos e formação de opiniões. Brait et al., (2010) acrescenta ainda que o professor deve “agir como intermediário entre os conteúdos da aprendizagem e a atividade construtiva para assimilação dos mesmos”. (p. 4).

Não existe nenhum perfil específico que defina o bom professor, pois cada um tem as suas singularidades, no entanto são destacadas algumas características que facilitadoras da relação

pedagógica e do processo de ensino-aprendizagem. Medeiro (2017), salienta a motivação, dedicação, compreensão, segurança e preparação, quer dos conteúdos, quer na resolução de conflitos. Franco e Albuquerque (2010), enfatizam ao longo do seu trabalho, o papel do professor e suas competências no contexto da relação pedagógica, como a organização, a capacidade de síntese e integração de tudo o que acontece neste contexto.

Relativamente ao diálogo, destacado como base da relação entre professor-aluno, espera-se que o professor seja capaz de ouvir e de refletir com o intuito de compreender e auxiliar o aluno de forma pertinente e positiva. Por isso, o professor deve criar momentos de discussão com os seus alunos, potenciando assim o envolvimento dos mesmos e a construção da relação pedagógica entre eles (Medeiros, 2017). Jorgensen (2020) salienta que, sendo o ensino e a aprendizagem processos recíprocos, o professor deve e pode aprender também com os alunos.

Claessens et al. (2017), citados por Boal-Palheiros e Boia (2020), revelam que a relação que é estabelecida entre professor e aluno se vai desenvolvendo ao longo do tempo, de forma que as perceções dos professores sobre o comportamento dos alunos e sobre as interações que ocorrem em cada momento vão variando. Desta forma verifica-se que a relação professor-aluno tem a potencialidade de melhorar com o passar do tempo, pois ambos os intervenientes vão se conhecendo e adaptando mutuamente.

Ribeiro (2010) fala da mudança que tem havido no que concerne ao papel do professor e alerta para a necessidade de se ajustar a sua formação. A partir do seu estudo, o autor reúne dados que indicam que a grande maioria dos professores, em particular os de níveis mais avançados, carece de formação afetiva e, conseqüentemente, de competências relacionais. Conseqüentemente, o mesmo alerta para a necessidade deste domínio não ser negligenciado na formação e na prática deste profissional.

3.1.4. O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO MUSICAL

Assim como os restantes professores das mais diversas áreas, o professor de Educação Musical tem de ser flexível, deve refletir constantemente sobre o seu desempenho, valências e limitações, e adaptar-se da melhor forma em prol do bem dos seus alunos. Nesse sentido são sugeridas por Jorgensen (2020) “várias abordagens teóricas e práticas que auxiliam os educadores musicais a procurar o ideal da abordagem humana à música e à educação” (p. 29).

Boal-Palheiros e Boia (2020) realizaram um estudo com 83 professores docentes no 2º Ciclo do Ensino Básico. Procuraram recolher opiniões e experiências sobre as suas práticas profissionais e os desafios da Educação Musical. Nesta investigação verificaram que os professores procuram corresponder às preferências musicais dos seus alunos, o que revela a sua adaptabilidade nesta dinâmica relacional. No mesmo sentido, Jorgensen (2020) refere que: “O professor pode precisar de adaptar os currículos obrigatórios aos seus desejos, interesses e necessidades, bem como aos dos seus alunos.” (p. 21)

No entanto, o mesmo autor defende que “Um professor de música tem de ser, primeiramente, um músico” (p. 22). O autor salienta a importância de o professor em ser capaz de realizar também as tarefas que propõe aos seus alunos, assumindo-se como um exemplo a seguir. A sua atitude refletirá e influenciará os seus alunos na prática das mesmas. As suas competências musicais vão-lhe permitir “inspirar e encantar os seus alunos” (Jorgensen, 2020, p. 23)

“A educação musical oferece um ambiente importante para potenciar as competências cooperativas que são essenciais para um trabalho conjunto em democracia, para tratar todos com respeito e valorizar as diferenças entre as pessoas e as suas músicas”. (p. 31). Nesse sentido, “O desafio que se coloca ao professor de música é o de colocar a música ao serviço de propósitos positivos, que enriqueçam a cultura, que alimentem o desenvolvimento individual, que contribuam para sociedades decentes e que promovam a vida e a felicidade.” (p. 27).

Segundo o autor, os professores de música podem fazer muito para impactarem o ensino e aprendizagem dos alunos, preservando as tradições musicais e criando espaços para o bem deles, onde possam desenvolver as suas competências culturais e sociais.

Assim, a autora conclui:

“Para mim, dignificar a música, seja ela popular, vernácula ou erudita, através do seu estudo cuidadoso, com o intuito de compreender e experienciar as suas ideias e práticas de uma forma contextualizada, sistemática e profunda, de acordo com os seus próprios parâmetros e valores, é uma abordagem pedagógica comparativa que os professores de música podem empregar para valorizar cada tipo de música e todos aqueles que as produzem e experienciam.” (Jorgensen, 2020, p. 25)

3.1.5. O PAPEL DOS ESTUDANTES

Os estudantes, como participantes da relação pedagógica, assim como o professor, também têm voz e influência nesta relação.

No âmbito da música foi realizado um estudo em Portugal no qual participaram professores e alunos de instrumento de conservatórios de Portugal. Estes responderam a um inquérito relativo à relação professor-aluno, tendo-se concluído que a relação pessoal que se estabelece entre um professor e o seu aluno no contexto da aula individual de instrumento é de extrema importância para o desenvolvimento deste último como músico e como pessoa (Cosme, 2012).

Stavrou (2022) também realizou um estudo no Chipre com 518 estudantes do ensino secundário de 14 escolas públicas diferentes. Nesta investigação foram aplicados questionários aos alunos que tinham aulas de música obrigatórias, com o objetivo de descobrir quais as características que estes consideravam que o seu professor de música ideal deveria possuir. Os resultados da investigação ressaltaram que as características interpessoais

do professor eram mais importantes que o conhecimento pedagógico ou de conteúdos. O relacionamento professor-aluno foi uma das cinco categorias mais nomeada pelos alunos, o que evidencia a importância da mesma no processo pedagógico. Para além da relação, foram destacados pelos alunos, os traços de personalidade, a interação social e a boa comunicação entre professor e alunos.

Em ambos os estudos, são reveladas as percepções dos alunos sobre as características que apreciam e destacam no professor. A boa comunicação, as características interpessoais e os traços de personalidade do professor são evidenciados. Ribeiro (2010) salienta que, nas disciplinas ministradas pelos professores com os quais os alunos têm uma boa relação, existe uma maior motivação, participação e dedicação dos discentes.

3.2. MÉTODO

3.2.1. OBJETIVOS

A presente investigação teve como objetivo geral compreender como é que a relação pedagógica afeta o processo de ensino-aprendizagem, em particular no âmbito da Educação Musical.

Como objetivos específicos procurou-se:

- i) perceber em que sentido é afetado o processo de ensino-aprendizagem;
- ii) compreender se o nível de ensino/idade dos professores tem impacto na edificação da relação e no processo de ensino-aprendizagem;
- iii) apreender qual o papel do professor nesta dinâmica relacional;

3.2.2. METODOLOGIA

Nesta investigação, de carácter qualitativo, foi realizado um Grupo de Discussão Focalizada (GDF), também denominado de “focus group”. Esta técnica permite a discussão orientada e controlada de um grupo de pessoas (Galego & Gomes, 2005). “O focus group, comparado a outras técnicas e/ou métodos, proporciona uma multiplicidade de visões e reações emocionais no contexto do grupo.” (p. 177).

3.2.3. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

O grupo é constituído por quatro professores de Educação Musical do 1º e 2ºciclo, dois homens e duas mulheres, com idades compreendidas entre os 24 e 61 anos de idade.

Todos os participantes possuem formação na área da música, a maioria em Educação Musical. Para além disso, todos os participantes têm um ou mais instrumentos de formação. O participante 1 estudou piano e flauta, o participante 2 estudou trompete, o participante 3 tem como instrumento de estudo a voz e o participante 4 estudou clarinete (ver Tabela 2).

Tabela 2 - Caracterização da amostra

Participantes	Sexo	Idade	Instrumento	Anos de lecionação	Nível de ensino que leciona
Participante 1	Masculino	61	Piano e Flauta	42	2º ciclo
Participante 2	Masculino	24	Trompete	5	1º ciclo
Participante 3	Feminino	31	Voz	1	2º ciclo
Participante 4	Feminino	24	Clarinete	2	1ºciclo

Da análise dos dados recolhidos, pode salientar-se que existe um equilíbrio no que concerne ao sexo dos participantes e ao nível de ensino em que lecionam.

Quando se cruza a idade com o nível de ensino, é possível verificar-se que os participantes com mais idade lecionam em níveis de ensino mais avançados (2º ciclo).

Por outro lado, pese embora os elementos do sexo feminino lecionem há menos tempo do que os participantes do género masculino, esta relação não determina o nível de ensino em que leciona, visto que um dos participantes com mais idade (Participante 3) leciona no 2º ciclo, no entanto apenas leciona há um ano.

Relativamente aos anos de lecionação, podemos constatar que um dos participantes já leciona há mais de 40 anos, e os restantes lecionam há menos de 10 anos. Podemos assim verificar que o participante com mais anos de experiência é também o que tem mais idade, contudo, não existe uma relação direta entre os anos de lecionação e a idade dos participantes, pois o participante 2 é um dos mais novos da amostra e apresenta-se como o segundo com mais anos de lecionação.

Apesar de reduzida, a amostra é heterógena no que concerne às experiências profissionais, aos anos de lecionação, à formação, sexo e idades.

3.2.4. INSTRUMENTOS

A recolha de dados foi efetuada a partir de:

- um breve questionário sociodemográfico, que permitiu caracterizar os participantes (Anexos 1);
- um Grupo de Discussão Focalizada.

Previamente à sua participação no estudo, e em conformidade com os princípios éticos, cada participante assinou um Termo de Consentimento Informado, Livre e Esclarecido que explicitava os objetivos do estudo e as condições de participação no mesmo (Anexo 2). Os participantes sabiam que poderiam desistir em qualquer momento e que o anonimato e a confidencialidade seriam assegurados.

3.2.5. PROCEDIMENTOS

Para a presente investigação foram contactados e convidados 7 professores de Educação Musical do 1º e 2º ciclo, via email e WhatsApp, das relações de proximidade da investigadora, para participarem do Grupo de Discussão Focalizada.

Com os 4 participantes que se mostraram disponíveis foi agendada uma data e hora para a realização do GDF. Este foi realizado via Zoom e durou cerca de 60 minutos. A discussão foi conduzida pela investigadora do presente trabalho, tendo por base um guião elaborado para o efeito, constituído por um conjunto de questões semiabertas (Anexo 3).

Como referido, antes da realização do GDF, os participantes preencheram o Termo de Consentimento, Livre e Esclarecido e o questionário sociodemográfico. Foi ainda solicitada permissão para a gravação audiovisual da sessão, para sua posterior análise.

Após desgravada a sessão (Anexo 4), o material foi analisado e discutido, tendo em conta a revisão de literatura efetuada previamente.

3.3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

No Grupo de Discussão Focalizada assistiu-se a um conjunto de partilhas ricas e significativas no que concerne ao tema em investigação. Foram compartilhadas uma diversidade de experiências no exercício da Educação Musical e salientadas características importantes, designadamente do professor, para relação pedagógica.

O primeiro tema que foi discutido foi o conceito de relação. Na perspectiva dos participantes, apesar da função principal do educador ser a transmissão de conhecimentos, a qualidade da relação pode afetar a aprendizagem “quando existe uma boa relação, consegue-se fazer praticamente tudo” (Participante 2). Aqui, o perfil do professor e a literacia musical desenvolvida no processo de aprendizagem são igualmente importantes. A forma como esta literacia é apresentada através dos recursos e metodologias utilizadas pelo professor para, assim, partilhar os conteúdos teóricos e práticos da disciplina aos alunos, tem influência no gosto pela disciplina, motivação e, conseqüentemente, na aprendizagem.

A motivação dos alunos, bastante discutida no grupo, foi considerado um fator de grande importância para a relação educativa e para o processo de ensino-aprendizagem. Alusiva à motivação, os participantes associaram a importância do envolvimento. O envolvimento do aluno com o professor, com a própria turma, com os colegas e o envolvimento com as atividades propostas.

“(…) a relação pedagógica faz-se também com os colegas da turma, não é, no sentido em que há uma relação professor(a) “alunos”, mas o aluno ou os alunos, não é, também têm uma relação entre si e que muitas vezes influencia, muitas vezes não, influencia sempre não é o contexto das turmas, são todas diferentes, exatamente por essas razões” (Participante 3)

Estas variáveis influenciam a própria relação pedagógica de diversas formas. Nesse sentido, são importantes o respeito mútuo por ambos os intervenientes da relação, e, por isso, é necessária a flexibilidade, quer do aluno, quer do professor.

“(…) como professores, como educadores, com realmente um bom perfil de professor, e esse é o que está atento, o que vê, o que é perspicaz e o que tem soluções a qualquer momento. Nós temos de nos adaptar sempre.” (Participante 1)

Sobre adaptabilidade, os participantes salientaram a ideia de ir ao encontro dos gostos dos alunos e considerar a sua “bagagem” de forma a fazer o equilíbrio entre o novo e o que os

alunos já têm adquirido, para ganhar a confiança destes e construírem juntos o conhecimento, desenvolvendo assim uma aprendizagem significativa. “(...) é importante não desvalorizar todo esse percurso desse aluno e construir em cima disso.” (Participante 3) “Nós temos que estar sempre dispostos a dar e receber.” (Participante 4)

Nesse sentido, destacaram-se algumas características relativamente ao papel do professor nesta relação, onde o foco são os alunos e a sua aprendizagem.

“(...) nós próprios professores também investigamos aquilo que vamos fazer, aquilo que vamos apresentar para conseguir criar diferentes pontes para os alunos, para eles gostarem mais daquilo que vamos fazer com eles.” (Participante 2)

O professor deve estar em constante formação, aperfeiçoamento e pesquisa. Deve ser um improvisador, adaptando-se aos diferentes contextos e solucionando os problemas que surgem. “eu acho que o professor tem de ser um improvisador, não é? Tem de ter estudado a lição como os improvisadores fazem e depois, na altura tem de ler o contexto e perceber o que é que é preciso mudar, não é? Quais são as metodologias que fazem sentido naquele momento, naquele contexto, não é?” (Participante 3)

Para além de investigador, o professor deve ser um mediador e exemplo para os seus alunos. Um dos participantes descreveu resumidamente a realidade dos alunos que vêm do 1º ciclo e, quando chegam ao 2º ciclo deparam-se com muitas mudanças e desafios, quer academicamente, quer socialmente. Essa realidade evidencia a necessidade de o professor atuar, através da relação, de forma a auxiliar o aluno. Em concordância, outro participante afirma que o professor deve ser também um suporte para o aluno: “Sem dúvida e acho que nessa parte também vale acrescentar que o professor também tem aqui um papel de suporte.” (Participante 3)

Deve ainda ter a capacidade de ouvir e se adaptar aos alunos e ao contexto em prol das suas necessidades. Deve potenciar momentos de diálogo, mostrando-se disponível para ouvir, dialogar e refletir com os seus alunos. “(...) espaço para refletir com os alunos sobre as

escolhas deles.” (Participante 3) “(...) um professor que não consegue dialogar, que não consegue ouvir o aluno, será um professor que vai ter muita dificuldade em relacionar-se com o aluno e com a turma.” (Participante 3)

Posteriormente, os participantes evidenciaram que também a motivação do professor e o papel que assume afeta a relação pedagógica e o processo de ensino-aprendizagem. Pese embora o professor nem sempre esteja motivado, é necessário que o mesmo faça um esforço e que procure adaptar-se à dinâmica relacional, tendo sempre como foco os alunos e a sua aprendizagem.

“Os alunos sentem muito o professor, lá está gosta do que está a fazer ou não gosta do que está a fazer. É muito óbvio para as crianças esse género de coisas não é se o próprio professor está envolvido ou não, como é que um professor pode esperar que as crianças estejam envolvidas, se ele próprio não, não está envolvido naquilo que está a fazer, não é?” (Participante 3) “(...) para ser bom professor, tenho que gostar daquilo que faz, senão é melhor mudar de profissão.” (Participante 1)

No âmbito da Educação Musical, foi destacada a música, com todas as suas potencialidades, enquanto ferramenta privilegiada dos professores mobilizada não só para a edificação da relação professor-aluno, mas também para o processo de ensino-aprendizagem.

“(...) a nossa disciplina realmente é a melhor, não há dúvida. Para criar relações emocionais para chegar ao âmago da criança alma da criança, a música é a melhor coisa que há e então temos de aproveitar isso. Muitas das vezes conseguimos desenvolver na criança coisas que muitos colegas nossos, de disciplinas teóricas, ficam admirados de como é que eles conseguem ler poesia, cantar sozinhos e expor-se de uma forma perante a turma que não conseguem fazer noutra disciplina. Ora, isso tem a ver com a tal relação que nós criamos com os com os nossos alunos.” (Participante 1)

Quando questionados sobre os desafios vivenciados e presentes na atualidade, os participantes destacaram a singularidade de comportamentos e personalidades dos alunos, nomeadamente alunos com Necessidades Educativas Especiais.

As atitudes partilhadas para solucionar esses desafios foram a adaptação, a pesquisa e a observação:

“(...) tive de me adaptar completamente. Eu não sabia como conseguir chegar até aqueles alunos e foi muito tempo que demorei até conhecer o feedback de cada um; aquilo que gosta, aquilo que não gostam. (Participante 2)

“Ele está sempre a assobiar e assobia muito bem, então nós aproveitamos isso para uma introdução, um solo de assobio e ele é muito afinado nos seus assobios, portanto, a nível musical, se ele cantasse eu alguma vez ouvisse a cantar, se calhar até seria um bom cantor, mas pronto, neste caso fui tentando puxá-lo por esse lado (...) Que acaba por ser musical e que ele está envolvido na aula pronto, em vez de cantar, está a assobiar com os colegas, basicamente.” (Participante 3)

“Foi sempre no processo de tentativa e erro e conversa com os outros professores que estão também com a turma mais horas do que eu estou por semana.” (Participante 4)

Esta diversidade salienta a necessidade do professor se adaptar a diferentes contextos e situações, e de ser criativo, com o objetivo de integrar os alunos na turma e no meio. E tal acontece através da relação. A relação leva o seu tempo e exige que o professor seja criativo, que tome decisões e que aprenda com as decisões tomadas, reajustando a sua forma de estar e de fazer. “Também aprendemos com as más escolhas.” (Participante 1) “(...) acho que aprendemos mais com as más do que com as boas, porque se tudo se tudo correr bem, uma pessoa às vezes nem sabe porque é que correu bem, não é?” (Participante 3)

3.4. DISCUSSÃO

De uma forma geral, todos os participantes do GDF destacaram a importância das características e abordagens do professor, assim como da relação pedagógica, considerando que as mesmas estão interrelacionadas, como defendem Postic (2007) e Franco e Albuquerque, (2010).

Através da análise da discussão grupal, foi possível verificar que os discursos de cada participante convergiam entre si, não havendo nenhuma perspectiva diferente. Durante a discussão do GDF todos os participantes foram expondo as suas experiências e perspectivas, e estas complementaram-se mutuamente.

As partilhas do GDF evidenciaram o papel e a importância da música nas relações como uma ferramenta que potencia a relação pedagógica, indo ao encontro do advogado por Jorgensen (2020):

“O desafio que se coloca ao professor de música é o de colocar a música ao serviço de propósitos positivos, que enriqueçam a cultura, que alimentem o desenvolvimento individual, que contribuam para sociedades decentes e que promovam a vida e a felicidade” (p. 27).

Com base nas vozes recolhidas a partir do GDF, foi possível perceber que os desafios descritos na revisão de literatura também são identificados pelos participantes, atualmente nas aulas de Educação Musical.

Como podemos observar através dos discursos dos participantes, a relação pedagógica exige certas adaptações por parte do professor, nomeadamente com a proposta de estratégias e de metodologias que procuram ir ao encontro dos desafios atuais e das necessidades dos alunos.

Apesar de, como referido por Medeiros (2017), ambos os intervenientes da relação terem o seu papel, a discussão do GDF centrou-se na importância do papel do professor nesta

dinâmica relacional, trazendo os participantes partilhas pessoais enquanto professores de Educação Musical.

Ao longo da discussão conjunta, as dimensões da relação e do papel profissional foram sendo abordadas de forma intrincada.

De uma forma geral, os participantes mencionaram 3 “pilares” importantes para uma boa relação: o envolvimento, a motivação e a adaptação, que de certa forma são também destacados pela literatura científica (Medeiros, 2017; Ribeiro, 2010; Jorgensen, 2020). Enfatizou-se, ainda, o respeito mútuo e o diálogo como sendo essenciais para promover e manter o envolvimento dos alunos no processo de ensino e aprendizagem.

Neste GDF o maior desafio mencionado pelos participantes foi a relação com alunos com NEE, pelos desafios específicos que estes convocam. No entanto, os discursos dos professores do GDF evidenciam o esforço e o empenho, por partes destes, para gerirem e ultrapassarem os desafios vividos.

Assim como conclui Ribeiro (2010):

“Na atualidade, a docência é concebida como ação complexa que exige dos professores, além do domínio do conteúdo específico, capacidade em motivar e incentivar os estudantes, atenção a suas dificuldades e ao seu progresso, estímulo a trabalhos em grupos visando a cooperação e a busca solidária na resolução de problemas, escuta ativa e respeito às diferenças, reconhecendo a riqueza da diversidade cultural dos estudantes sob todas as suas formas, dentre outros aspetos. A afetividade joga um papel importante na motivação dos estudantes diante das disciplinas do currículo, dos professores que as ministram e, consequentemente, da aprendizagem escolar.” (p. 410)

Com base nesta afirmação, na literatura científica consultada e nas partilhas de opiniões recolhidas, podemos compreender a pertinência da relação pedagógica, nomeadamente na sua dimensão afetiva, assim como do papel e características do professor, para fomentar a motivação, o interesse e uma aprendizagem significativa por parte dos alunos.

Em suma, esta investigação evidenciou a importância, exigência e complexidade da relação pedagógica, também referida por Postic (2007). Pelo poder e responsabilidade que o professor assume, mostra-se necessário uma formação inicial e contínua de qualidade, que permita a sua formação e desenvolvimento em diversas áreas. A compreensão, nomeadamente, da dinâmica socio afetiva, permite-lhe responder às necessidades dos alunos e potenciar o processo de ensino e aprendizagem, através do desenvolvimento de uma relação pedagógica positiva e estimulante (Boal-Palheiros & Boia, 2020; Ribeiro, 2010).

Limitações e Recomendações

Uma das limitações deste estudo prende-se com o facto de ter sido estudada uma amostra pequena, devido à parca disponibilidade de participantes para participarem na investigação. Deste modo, incentiva-se a realização de futuras pesquisas com amostras mais alargadas e diversificadas para proporcionar, assim, resultados mais robustos. Estas podem ser realizadas também através de outras metodologias que possam aprofundar a investigação das dimensões relacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Relatório de Estágio apresenta o trabalho que foi desenvolvido ao longo do ano letivo, quer relativamente à Prática de Ensino Supervisionado, quer ao projeto de investigação. Estes dois trabalhos foram desafiantes, e de alguma forma estiveram aliados com o propósito comum de melhorar a minha prática como futura professora de Educação Musical.

Desde a observação, à Prática de Ensino Supervisionada, foram recolhidas várias ferramentas e recursos e exercidas diferentes metodologias que certamente me irão ajudar na minha prática letiva futura. Através da observação foi possível contactar numa primeira e crucial fase da Prática Educativa, o que potenciou o trabalho realizado e desenvolvido posteriormente na Prática de Ensino Supervisionado.

Sobre a PES destaco os desafios que fui completando ao longo do percurso através do esforço e trabalho com a turma e com o professor cooperante, nomeadamente a relação professor-aluno, inclusive o comportamento da turma e a gestão enquanto professor da mesmo. Esse foi um grande desafio, produtivo e necessário para a prática docente. A minha postura enquanto professora foi mudando ao longo do ano letivo em consequência do bom funcionamento das aulas e do interesse da turma e do trabalho que queria desenvolver com os alunos.

A realização do projeto de investigação permitiu uma melhor compreensão da relação educativa e o seu impacto no processo de ensino e aprendizagem, especialmente no âmbito da Educação Musical. Através da análise e reflexão da literatura e das questões levantadas no GDF, foi possível contactar, ainda que indiretamente, com o meio em questão. Algumas dúvidas foram esclarecidas e foi possível apropriar-me de diferentes contextos e experiências sobre o tema em questão, quer através da literatura, quer a partir das partilhas do Grupo de Discussão Focalizada reunido para a investigação.

Embora não se possa generalizar os resultados de um único estudo, acredito que estes resultados podem contribuir para uma melhor compreensão da relação educativa e do seu impacto no processo de ensino e aprendizagem na Educação Musical.

Em jeito de conclusão, recordo estes anos de aprendizagem repletos de experiências, desafios e superações. Todo este percurso contribuiu para o meu crescimento musical, pessoal e profissional, nomeadamente na minha formação enquanto docente.

REFERÊNCIAS

- Barbosa, A. J. G., Campos, R. A., & Valentim, T. A. (2011). A diversidade em sala de aula e a relação professor-aluno. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 28, 453-461.
- Boal-Palheiros, G.& Boia, P. S. (2020). Formação de professores de música e práticas de Educação Musical nas escolas. In Boal-Palheiros, G. & Boia, P. S. (Eds.). *Desafios em educação musical*. CIPEM/INET-md, 117-141.
- Brait, L. F. R., de Macedo, K. M. F., da Silva, F. B., Silva, M. R., & de Souza, A. L. R. (2010). A relação professor/aluno no processo de ensino e aprendizagem. *Itinerarius Reflectionis*, 6(1), 1-15
- Capelo, F. (2000). Aprendizagem Centrada no Pessoa: Contribuição para a compreensão do modelo educativo proposto por Carl Rogers. *Revista de Estudos Rogerianos A Pessoa com Centro*, 5, 1-12.
- Capul, M., & Lemay, M. (2003). Da educação à intervenção social. 1º Vol. (1ª ed.). Porto Editora.
- Cosme, S. (2012). O relacionamento pessoal entre professores e alunos nas aulas individuais de instrumento/canto em Portugal e a sua influência no percurso musical do aluno: Um estudo de caso. *Revista Portuguesa de Educação Artística*, 2, 31-52.
- Franco, V., & Albuquerque, C. (2010). Contributos da psicanálise para a educação e para a relação professor-aluno. *Millenium*, 38, 173-200.
- Galego, C., & Gomes, A. (2005). Emancipação, ruptura e inovação: O “focus group” como instrumento de investigação. (5), 173-184.

Jorgensen, E. R. (2020). Alguns desafios para a educação musical: O que podem fazer os professores de música. In G. Boal-Palheiros & P. S. Boia (Eds.). *Desafios em educação musical*. CIPEM/INET-md, 17-36.

Ludke, M., & André, M. (1996). *Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas* (1ª ed.). Editora Pedagógica e Universitária.

Medeiros, M. F. (2017). O papel da afetividade na relação professor e aluno e suas implicações na aprendizagem. *Revista on line de Política e Gestão Educacional*, 21, 1165-1178.

Ministério da Educação (2018). *Aprendizagens Essenciais: articulação com o perfil dos alunos*. Ministério da Educação.

Postic, M. (2007). *A relação pedagógica* (2ª ed.). Coimbra Editora.

Reis, P. (2011). *Observação de aulas e avaliação do desempenho docente*. Ministério da Educação – Conselho Científico para a Avaliação de Professores.

Ribeiro, M. L. (2010). A afetividade na relação educativa. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27, 403-412.

Roger, C. (1985). *Tornar-se pessoa* (1ª ed.). Moraes Editora.

Santos, S. C. (2001). O processo de ensino-aprendizagem e a relação professor-aluno: aplicação dos “sete princípios para a boa prática na educação de ensino superior”. *Caderno de pesquisas em administração*, 8(1), 69-82.

Silva, M. D. O. (2013). *A importância da observação de aulas no processo de avaliação de desempenho docente: concepções de professores*. Gestão e Desenvolvimento.

Stavrou, N. (2022). The music teacher i'd like: Lessons learnt from students. *Frontiers in Education*, 6(802560), 1-7.

Wuytack, J. & Boal-Palheiros, G. (2013). Pedagogia Musical 1. Associação Wuytack de Pedagogia Musical.

ÍNDICE DE ANEXOS DIGITAIS

Anexo A – Observações da PES

Anexo B – Planificações e materiais das aulas

Anexo C – Projeto de Investigação:

Anexo 1. Questionário Sociodemográfico

Anexo 2. Consentimento Livre e Esclarecido

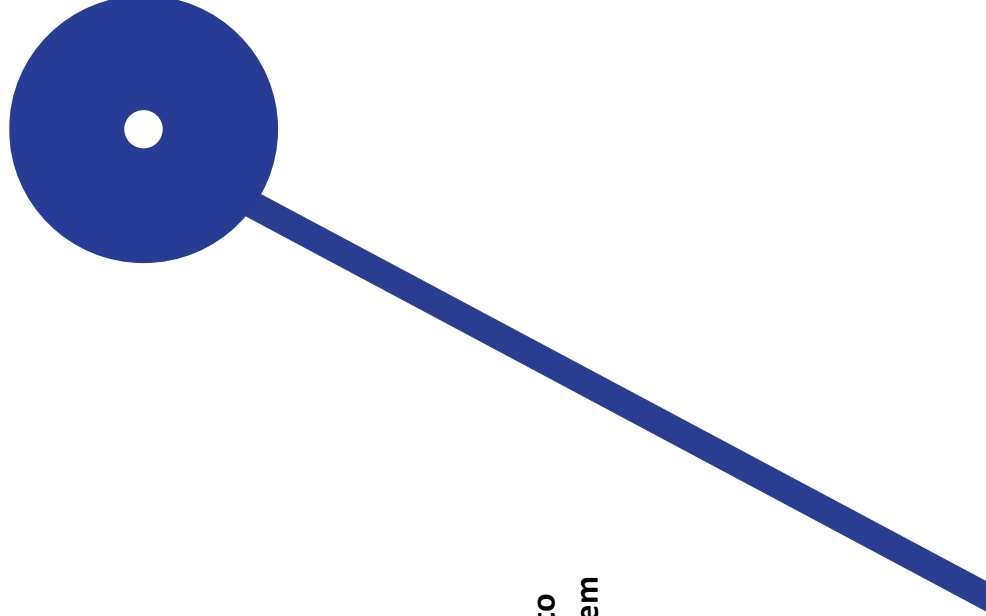
Anexo 3. Guião da discussão

Anexo 4. Transcrição da discussão do GDF

M

MESTRADO

Ensino de Educação Musical no Ensino Básico



**A relação pedagógica e o seu impacto
no processo de ensino e aprendizagem
na Educação Musical**

Ana Beatriz Soares Almeida